



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

O EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO CAMINHO: UMA ANÁLISE DE “UM MUNDO SEM POBREZA”, DE MUHAMMAD YUNUS

THE SOCIAL EMPLOYMENT AS A WAY: A ANALYSIS OF “A WORLD WITHOUT POVERTY”, BY MUHAMMAD YUNUS

EL EMPLEO SOCIAL COMO UNA MANERA: UN ANÁLISIS DE “UN MUNDO SIN POBREZA”, POR MUHAMMAD YUNUS

YUNUS, Muhammad. **Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Ática, 2002. 263 p.

Por: Catarina Oltramar de Moraes Dias¹, Mariana Zaneti Suzuki²

e57251

<https://doi.org/10.63026/acertte.v5i7.251>

Publicado em: 07/2025

1 INTRODUÇÃO

O conceito de uma empresa social é algo que inicialmente, pode parecer distante, ou até mesmo contraditório. Afinal, como uma instituição do setor privado, cuja razão de existir está tradicionalmente associada à geração de lucro e ao aumento da produtividade, pode ter como propósito central uma missão social? Logo no prefácio do livro “Um mundo sem pobreza: A empresa social e o futuro do capitalismo”, o autor Muhammad Yunus elucida o leitor a respeito dessa façanha.

Fundador do Grameen Bank, uma instituição privada autossustentável em Bangladesh que fornece microcrédito a pessoas em situação de forte vulnerabilidade social, Yunus, no seu papel de economista, desafiou os conceitos do pensamento econômico convencional ao provar que a concessão de crédito àqueles que não possuem garantia de pagamento é de grande eficiência para fortalecer a economia de um país e, principalmente, combater a pobreza. Ao estruturar um formato de instituição capaz de fornecer microcrédito à pessoas pobres, com juros, capaz de se autossustentar e que gera bons rendimentos, o Grameen Bank concedeu a Yunus o Prêmio Nobel da Paz em 2006.

2 ESTRUTURA DA OBRA

Neste livro dividido em 3 partes e 11 capítulos, Muhammad Yunus se dedica a explicar não apenas o funcionamento, como também o potencial transformador da empresa social, se voltando à discussão de como esse modelo de instituição é a chave não apenas para erradicar a pobreza, como também moldar o futuro do capitalismo de forma mais sustentável. Na primeira parte, denominada de “A promessa da empresa social”, o leitor é introduzido no primeiro capítulo na discussão sobre a

¹ Graduanda no curso de Ciências Econômicas pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, da Universidade Federal de São Paulo.

² Graduanda no curso de Ciências Econômicas pela Escola Paulista de Política, Economia e Negócios, da Universidade Federal de São Paulo.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

economia mundial e suas falhas, bem como o potencial de mudanças, iniciando nos primeiros capítulos, com a apresentação da importância dos agentes econômicos com capacidade de realização, sendo esses o governo, as instituições sem fins lucrativos e, por fim, as empresas privadas alinhadas à responsabilidade social. Por fim, nessa parte, Yunus provoca o pensamento econômico tradicional, especialmente ao pensamento Utilitarista³ ao defender que o capitalismo é um sistema semi desenvolvido, por, em sua essência, considerar o pensamento humano de forma limitada e unilateral, enxergando as pessoas como agentes econômicos cem por cento racionais em busca de maximizar seus ganhos ao invés de contemplar todas as nuances relacionadas a aspectos socioeconômicos, de forma que, intrinsecamente, o sistema econômico baseado nesse pensamento, é estruturado para beneficiar os ricos, uma vez que, investir diretamente no combate à pobreza sem perspectivas de ganhos reais no curto prazo, se torna desvantajoso.

Nesse contexto, o autor parte para o segundo capítulo definindo a empresa social e se dedicando a explicar seu funcionamento, como por exemplo, a rentabilidade da empresa, que consegue se tornar autossustentável a partir da proposta de reinvestir os ganhos em si própria, ao passo que maior parte das ações se concentram em acionistas de baixa renda, que também são positivamente impactados com o ganho da empresa. Uma questão interessante apontada pelo autor é a diferença de empreendedorismo social e empresa social, em que o primeiro se dedica a definir pessoas com iniciativas inovadoras e objetivos de resolver problemas sociais com urgência e maior eficiência, enquanto a empresa social é um conglomerado de empreendedorismos sociais com uma visão de impacto mais ampla e, discorre também sobre a capacidade de mesclar o perfil da empresa social com objetivos e metas tradicionais, alegando que essa combinação tende a não ser sustentável dado ao conflito de interesses, destacando para o leitor a importância de entender a empresa social como um modelo novo de negócio.

Na segunda parte do livro, intitulada “A experiência com o Grameen”, Yunus retoma as explicações e considerações a respeito da sua primeira empresa social, o Grameen Bank, instituição de concessão de microcrédito à pessoas de baixa renda que lhe rendeu o Nobel, como já destacado na introdução dessa resenha. Nos primeiros capítulos, o autor destaca o processo que levou à criação da instituição, destacando sua experiência como economista e professor em Bangladesh, até o momento que se reuniu com seus alunos e pares para entender a realidade econômica das pessoas em situação de extrema pobreza e as possibilidades de melhorar sua condição. Além disso, o autor evidencia um aspecto muito importante do Grameen Bank que é o foco de concessão de microcrédito às mulheres, uma vez que, segundo suas análises, as mulheres representam um potencial de melhoria da realidade econômica das famílias muito maior que os homens, pois tendem

³ No pensamento econômico, o utilitarismo fundamenta muitas teorias de bem-estar social, partindo da ideia de que políticas e decisões devem ser avaliadas conforme sua capacidade de maximizar a utilidade agregada da sociedade. Isso implica, por exemplo, que uma alocação de recursos é mais eficiente ou justa quando aumenta o bem-estar total, ainda que alguns indivíduos sejam prejudicados, desde que o ganho coletivo compense a perda individual. Essa lógica está na base de análises de custo-benefício e justificativas para intervenções estatais que busquem corrigir falhas de mercado ou redistribuir renda.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

a gastar seus ganhos com a família, priorizando a alimentação, educação e outras provisões básicas para qualidade de vida. Em uma realidade econômica mundial em que as mulheres enfrentam maior dificuldade para conseguir crédito do que os homens, Yunus revela outra possibilidade de diminuição das desigualdades socioeconômicas, por meio da equiparação maior ao acesso à crédito por gênero.

Outra menção de suma importância feita nessa segunda parte se encontra nos capítulos 6 e 7, em que Yunus discorre sobre a parceria entre o Grameen Bank e a Danone, em um contexto em que o Grameen Bank já se revelava como um modelo de instituição inovador e ao mesmo tempo, sustentável, a Danone buscou uma parceria visando impacto social na qualidade de vida das famílias em Bangladesh. A proposta: A criação de um iogurte saudável, rico em vitaminas e a preço acessível para as crianças. A ideia foi um sucesso, pois o iogurte, além de ser altamente consumido pela população de Bangladesh, é mais facilmente introduzido na alimentação de crianças devido ao sabor e textura, de forma que, com uma fábrica pequena e economicamente viável, uma estrutura de governança e processos claros e um público-alvo de famílias pobres rurais, surge, em 2005, a Grameen Danone, a primeira empresa social. Ao longo dos próximos capítulos, Yunus utiliza desse case de sucesso para explicar o funcionamento dessa empresa social, de forma que fornece ao leitor uma visão mais técnica, ainda que muito clara sobre todos os processos, considerações, análises e implementações necessárias da empresa social.

Já na terceira parte, intitulada “Em busca de um mundo sem pobreza”, o leitor é conduzido aos questionamentos, reflexões e possíveis explicações do autor a respeito do futuro da empresa social, iniciando com a questão de quem investiria na empresa social e como isso poderia ampliar o mercado. Aqui, ele retoma o caso da Grameen Danone para defender que diversas empresas do mercado privado se interessam em investir em empresas sociais por diversas razões, buscando um propósito e impacto para além do lucro líquido, além de diversas pessoas físicas que se interessam em investir em uma causa. Apesar de o livro ter sido escrito em 2002, é interessante comparar esse pensamento com a realidade atual e constatar que, de fato, as novas gerações de fato valorizam causas relacionadas a desenvolvimento sustentável e combatem a desigualdade não só no mercado de trabalho, mas também na hora de investir⁴. Em seguida, Yunus também analisa o potencial da Tecnologia de Informação (TI) no auxílio ao combate à pobreza, destacando fatores como globalização, acesso à educação e trabalho autônomo e, para além disso, propõe que haja uma organização voltada para pensar em TI adaptada ao combate à pobreza e acesso por parte dos mais pobres, sugerindo que essa instituição, hipoteticamente chamada de STEP (Soluções de TI para Erradicação da Pobreza) seria financiada para promover estudos, infraestrutura, encontros e políticas de acessibilidade para que os pobres tenham acesso à tecnologia.

Por fim, nos últimos capítulos, o autor discorre sobre os próximos passos a serem tomados pela empresa social e discute a possibilidade da existência de um mundo sem pobreza com um sistema econômico sustentável. Ele finaliza com a constatação de que a pobreza pode sim ser

⁴ VEJA, Abril: Geração Z prioriza ESG ao investir - https://veja.abril.com.br/economia/geracao-z-prioriza-esg-ao-investir-diz-forum-economico-mundial/#google_vignette.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE ISSN 2763-8928

erradicada, uma vez que ela não é criada pelos homens, mas sim, produzida e mantida por um sistema econômico falho que se atenta mais à pressupostos que reduzem a capacidade à comportamentos limitantes, ignorando a capacidade de desenvolvimento humano e potencial de crescimento quando se há o investimento correto sendo feito. Na sua conclusão Muhammad Yunus demonstra uma fé inabalável na capacidade de a pobreza ser erradicada um dia, devido ao sucesso do Banco Grameen e as possibilidades que vão se abrindo para a consolidação de um mundo mais justo em um mundo mais globalizado, engajado e tecnologicamente mais avançado.

CONSIDERAÇÕES

O livro “Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo” pode ser recomendado não somente à economistas que desejam ampliar sua visão crítica a respeito do sistema capitalista e estudar a respeito de iniciativas sociais como motor de desenvolvimento econômico, mas, graças à linguagem acessível do autor e da edição traduzida pela editora Ática, este livro pode ser lido por qualquer um que veja esperança no fim da pobreza ou deseje passar a ver. Vale considerar novamente que, tendo sido escrito em 2002, a obra demonstra uma visão a respeito do fim da desigualdade social de uma forma mais otimista do que se tende a pensar em 2025.

Entretanto, esse livro, de forma enriquecedora, instiga o leitor a questionar a atual conjuntura do sistema econômico e apresenta, de forma prática, clara e instigante, potenciais soluções para a erradicação da pobreza, cujos argumentos surpreendentemente ainda fazem muito sentido depois de 20 anos, o que revela a natureza economista do autor em conseguir enxergar no longo prazo com os insumos e expectativas do presente. Nesses últimos anos, muitas coisas mudaram, mas ainda existe a pobreza e ainda existem pessoas, governos e instituições que buscam erradicá-la, entretanto, hoje se possuem muito mais meios e insumos de viabilizar projetos de tal magnitude, seja nos meios técnico-informacionais, como financeiros.

Dessa maneira, graças a esse livro, o leitor é capaz de se aproximar de Muhammad Yunus ao ter uma fé cada vez maior de que um dia, como ele mesmo diz em seu último capítulo, a pobreza será vista somente em museus.

REFERÊNCIAS

YUNUS, Muhammad. **Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Ática, 2002. 263 p.